

LOGIN



[Acesso à Internet](#) | [Mail](#) | [Mensageiro](#) | [SMS](#)
[SAPO XL](#) | [Shopping](#) | [Pág](#)

Passatempo - Ganhe um Smartphone!



# Diário de Notícias

Edições Anteriores

 Segunda, 25 de Julho de 2005  
 Edição Papel

 Direct  
 Directo  
 Subdirectores: António  
 Morgado Fernandes e

Lisboa

25.07.05

[dn.homepage](#) » [dn.opinioa](#)

Enviar |

DN TEMA

NACIONAL

EDITORIAL

OPINIÃO

INTERNACIONAL

SOCIEDADE

NEGÓCIOS

DESPORTO

ARTES

MEDIA

BOA VIDA

## OPINIÃO

### *A crise e a competitividade do sector privado*

Djoão

cravinho

ivergimos da UE desde 2002 e assim continuaremos nos próximos anos. Temos a mais baixa produtividade na UE a 15 e não se vislumbra recuperação sustentada. A nossa propensão à inovação está confinada a algumas ilhas da nossa economia. A competitividade da grande maioria das nossas empresas expostas à concorrência internacional desmorona-se de dia para dia. A grande maioria dos líderes de opinião pensa que esta situação se deve às más políticas dos últimos dez anos, espelhadas pelo descontrolo das finanças públicas e pela terrível ineficiência do sector público. Não lhes ocorre que as razões essenciais desta degradação possam estar muito mais do lado da incapacidade de mudança e da ineficiência dos comportamentos empresariais típicos em Portugal . É claro que há erros nas políticas públicas, a necessitar de urgente e dramática correcção. Mas o cancro estrutural da nossa crise vai muito para além disso. Para mal de todos nós, a ineficiência do nosso sector empresarial privado é bem mais grave e profunda que a do sector público. Porque será que tão poucos se atrevem a trazer ao debate nacional tão óbvia verdade? Por quanto mais tempo poderão as forças vivas da Nação e seus arautos continuar a enterrar a cabeça na areia?

Quem quiser reflectir seriamente sobre a realidade estrutural da crise da nossa economia poderá beneficiar de uma cura de desintoxicação mediante leitura rápida de insuspeitas publicações internacionais.

OUTRAS NOT

*A crise e  
competit  
sector pi*
*Em verd.  
verdade*
*As fonte:  
no DN*
*Cavaco v*
*Explicar*

Em 2004 o índice de competitividade do IMD coloca Portugal na 45.<sup>a</sup> posição, entre 60 países. Curiosamente o subíndice relativo ao sector empresarial privado (51) é o mais baixo de todos, significativamente abaixo dos subíndices de eficiência do sector governamental (41), das infra-estruturas básicas, tecnológicas e científicas, de saúde e educação (35%), e até mesmo da *performance* macroeconómica em ano de crise (44).

Ainda mais relevante para o fim em vista é o relatório do World Economic Fórum sob a direcção conjunta dos professores Klaus Schwab e Michael Porter, e a responsabilidade editorial de Xavier Sala-i-Martin. Como Porter, autor da metodologia do índice de competitividade do sector empresarial privado, e Sala-i-Martin bem sublinham, "instituições políticas, legais e sociais estáveis e boas políticas macroeconómicas criam o potencial para melhorar a produtividade nacional. Mas na realidade a riqueza é criada a nível microeconómico - pela capacidade das empresas para criar bens e serviços valiosos usando métodos eficientes" e gerando altos níveis de produtividade, que são a medida da verdadeira competitividade. "As fundações microeconómicas da produtividade (portanto, da competitividade) assentam em duas áreas inter-relacionadas (1) a sofisticação com que as empresas nacionais ou estrangeiras operam num dado país; (2) a qualidade do ambiente empresarial microeconómico em que competem. A produtividade de um país é definida em última análise pela produtividade das suas empresas." A partir desta base metodológica, o World Economic Forum calcula o índice de competitividade empresarial e dois subíndices, um relativo à sofisticação operacional e outro relativo à qualidade do ambiente empresarial nacional. Portugal é classificado na 36.<sup>a</sup> posição no índice geral. Mas o subíndice de sofisticação das nossas empresas (46) é bem inferior ao subíndice relativo à qualidade do ambiente empresarial nacional (33).

Os indicadores de Portugal contrastam com os de Espanha, onde os três índices são praticamente idênticos (25). Vale a pena pormenorizar a comparação. Assim, quanto à incorporação de novas tecnologias na empresa, Portugal está na posição 87 e Espanha na 36. Quanto ao recurso à mão-de-obra barata como base de competitividade, Portugal 73 e Espanha 27. No que toca ao posicionamento na cadeia de valor, Portugal 42 e Espanha 19. No *marketing*, Portugal 52, Espanha 19. Na orientação para a satisfação do cliente, Portugal 66, Espanha 19. Medite-se na enorme diferença de sofisticação operacional das empresas em Portugal e Espanha e o que isso significa para o futuro. Daqui a três ou quatro anos, Portugal poderá ter um défice igual ao da Espanha. Mas quando é que as empresas portuguesas alcançarão sofisticação operacional igual ao das empresas espanholas?

*joaocravinho@hotmail.com*



Copyright © 1996,2002 Diário de Notícias, SA  
Todos os direitos reservados . Regras de acesso  
webmaster@dn.pt | Richa técnica

